

UMA ENTREVISTA COMO NARRATIVA DE SI COM A PROFESSORA DRA. ROSEMYRIAM CUNHA

Ana Maria de Barros¹

A mão segura a foto e o olhar se fixa nela. Reencontram-se os rostos dos amigos desaparecidos. E o próprio rosto também, surpreso em se rever antes das devastações do tempo. Eu era assim? E o que eu pensava naquela época? Mudei? Ou estava tudo “posto” desde o começo? Interrogações sobre o enigma identitário e o *continuum* do ego. Estamos todos condenados à autobiografia.²

(Gérard Vincent)

Para Maffesoli³, “o destino está aí, todo-poderoso, impiedoso, e, apesar da vontade do sujeito, orienta em direção ao que está escrito. Trata-se de uma forma de predestinação... De fato, a força do destino não faz senão acentuar a ascensão e a potência do que é impessoal.”⁴

O autor, uma referência nas reflexões da Professora Dra. Rosemyriam Cunha, chama a atenção para as identificações múltiplas em pequenos grupos, a potência das impessoalidades. Entretanto, quando uma pessoa narra a si, espera dar sentido à própria existência para, talvez, fixar uma identidade. Mas, ao fazê-la, esse “eu é um outro” e, nas palavras de Rimbaud, o que leva a pensar que há algo de ilusório de fugidio no falar de si, algo que não se reduz a linguagem, algo que ao mesmo tempo está visível e algo que está invisível. Talvez os invisíveis estejam na potência do impessoal.

Por outro lado, se partirmos do pressuposto que não somos constituídos previamente, que estamos em transformação e permanente construção, a proposta

¹ Possui graduação em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR (1986); graduação em Direito pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (1990), mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR (1998) e doutorado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (2022). Atuou como professora e supervisora, coordenadora de curso, vice-coordenadora, diretora de editora, na PUCPR, entre 1986 - 2015. Atualmente é professora adjunta no Bacharelado do Curso de Musicoterapia na UNESPAR, Campus Curitiba II trabalhando na docência na área dos distúrbios na comunicação oral e escrita.

² VINCENT, G.; PROST, A. (Org.) *História da vida privada*. Trad. Denise Bottmann; Dorothee de Bruchard, posfácio. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

³ O sociólogo francês Michel Maffesoli ficou conhecido, em especial, pela popularização do conceito de tribo urbana.

⁴ MAFFESOLI, M. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

da entrevista com a Professora Dra. Rosemyriam⁵, talvez seja, para além do “Eu é um outro”, um momento de narrativa de si, aquele simultâneo ato de constituir-se, como já escrevera o francês Michel Foucault. Assim, as formas autobiográficas tais como as cartas, as entrevistas são oportunidades de constituição da subjetividade no próprio ato.

Considerando as importantes contribuições da pesquisadora Professora Rosemyriam para a área da Musicoterapia como “um campo de saberes e fazeres que percebe o humano na sua totalidade existencial e a música como uma ação humana contextualizada que marca e é marcada pelos acontecimentos de seu tempo”, a entrevista realizada na primavera de 2023 é um momento singular de escrita de si, de escrita da música de vida, vibrante pulsante, um instante eterno de muitas notas, ou como se queira, de uma nota só em permanente mudança.

AM: Professora Rosemyriam, a sua mão já segurou uma foto e o seu olhar se fixou dizendo: “Eu era assim? E o que eu pensava naquela época? Mudei? Ou estava tudo “posto” desde o começo?” (Gérard Vincent).

Sim, quantas vezes! E quanto mais passa o tempo, mais se confirmam as palavras da poeta Helena Kolody: “quem é essa que olha de tão longe com olhos que já foram meus”. Tenho a sensação contraditória de que o controle da vida não está em nossas mãos, mas que as escolhas que fazemos nos pertencem e determinam os caminhos da jornada. Nosso dia a dia acarreta em constantes escolhas que vamos fazendo e assim contornando a vida com o pensamento ilusório de que definimos a existência. Foi assim que, um dia, ao experienciar apresentações de música erudita ao piano, na antes Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Atual UNESPAR Campus II), entendi que, embora a música fosse essencial no meu viver, o palco não era meu lugar. Era preciso mudar a forma de conviver com o amor pelas sonoridades. Mudei sim. Me

⁵ Entrevista concedida pela professora doutora Rosemyriam Ribeiro dos Santos Cunha, para a professora doutora Ana Maria de Barros, ambas do colegiado de Musicoterapia da Unespar, *Campus II*, Curitiba.

voltei para a musicoterapia e encontrei nessa área de saber um motivo apaixonante: fazer música *com* outras pessoas. Busquei ali o invisível, o indizível, o que não estava posto e, mais forte ainda, a quebra de barreiras, a transgressão, cujo alvo mirava (e ainda o faz), no direito de ser, de estar, de participar, de se expressar. Foi uma mudança decisiva na minha vida. Na época, havia terminado o curso de Licenciatura em Música e constituído minha família. Acreditei que era hora de buscar um lugar de profissão que também me fizesse feliz. A formatura em Musicoterapia foi no ano de 1995, tempo em que o interesse pela pesquisa já instigava meus sonhos. De lá para cá foi um a trabalhar em sala particular, em espaços de clínica oncológica e depois na gerontologia. Ingressei na docência que me impulsionou ao mestrado, doutorado e à experiência marcante de fazer pesquisa pós-doutoral no exterior. Agora volto novamente o olhar para a foto que está em minhas mãos... Mudei eu, tudo ao redor mudou... Viver é viver um processo de transformações. Aquela que me olha com os olhos que já foram meus, agradece! Nas brechas do que estava posto, encontrei atalhos, me juntei a tantas e maravilhosas pessoas com quem pude realizar escolhas. E assim a vida passa.

AM: Diante dos visíveis e invisíveis da sua história, os invisíveis estão na potência do impessoal? O que a senhora considera visível e invisível?

Parei bastante para matutar sobre essa pergunta. Poderia responder que o visível é o que os olhos podem ver. E o invisível é tudo que não se manifesta concretamente ao sentido da visão. Mas, me parece que temos mais elementos por aí. A questão me trouxe à cabeça o trecho da canção “perigo é ter você perto dos olhos, mas longe do coração...” (LIMA e REZENDE, 1986)

⁶. Então, mesmo o que está revelado aos olhos pode ser invisível, não notado, não constituir presença. Também, me vieram à mente centenas de situações de interações musicoterapêuticas, em que direção de olhar, gestos, tónus muscular,

⁶LIMA, N., REZENDE, P. Perigo. Canção gravada por Zizi Possi, álbum ZIZI, gravadora PolyGram.

sinais quase imperceptíveis, se tornaram reveladores do invisível, ou seja, presentificaram pensamentos, sentimentos intangíveis, mas absolutamente concretos. Então, me encontrei sem saber onde fica o limite entre o visível e o invisível, uma vez que as presenças materiais ou mentais, sonoras ou imagéticas povoam nosso mundo de possíveis. Aí pensei nos espaços que construímos com nossos fazeres musicais. Quando fazemos música juntos formamos um espaço compartilhado de produção sonora que é invisível... mas totalmente apreciado pelos sentidos da visão, da audição, do tato. O que ali se revela aos olhos é o grupo que age musicalmente, mas, o espaço de trocas comunicacionais, sociais, afetivas que se forma carece de muita sensibilidade para ser percebido. Para nós musicoterapeutas, essa complexidade espacial formada pela ação que ali se manifesta é vívida e vista. Porém, para outros olhos, esse espaço fabuloso se torna invisível. É comum que atraídas pelo produto sonoro dos grupos, as pessoas passem e comentem “que bonito, como se distraem cantando” ou, “que ótimo passa tempo! Só faz bem”. Isso revela como algumas pessoas veem esse mesmo cenário de ação. Então, visível e invisível talvez não seja uma distinção. Logo, talvez tenhamos que aprender a “permitir que as coisas apareçam” para nos tornarmos parte delas (GUMBRECHT, p.39).⁷

AM: Quais foram suas referências visíveis e invisíveis para o entendimento da Musicoterapia como campo de saberes e fazeres?

Quando fui estudar os aspectos físicos, cognitivos, culturais, sociais e afetivos do fazer musical coletivo, era exatamente sobre esses (in)visíveis que queria falar. Tive a sorte de ser orientada pela profa Dra Lisa Lorenzino, cujo comentário inicial foi: “Você sabe muito bem o que quer pesquisar. Então vamos!”. A pesquisa se desenvolveu no campo da educação musical, e me permitiu construir comparativos com o campo musicoterapêutico no enquadre de um distanciamento científico favorável. Com base nessa experiência, posso lhe dizer que as formas como o som afeta as pessoas e

⁷ GUMBRECHT, H. U. Serenidade, presença e poesia. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

promove: a) alterações nos gestos, nas posturas corporais, nas movimentações expressivas; b) dinâmicas de pensamento, atenção, concentração, resolução de problemas; c) expressões compartilhadas de maneiras de agir, reagir, de usar elementos musicais para se sentirem em um espaço seguro de manifestações em comum; d) a expressão vocal, a conexão entre participantes, a troca de olhares, sincronia na expressão corporal rítmica, a expressão de sentimentos em timbres, intensidades, alturas, melodias... a escuta, a percepção de estar entre pessoas que compartilham a ação musical e que gostam disso... Esses aspectos vitais e outros mais se tornaram referenciais que continuo estudando para conhecer os impactos da música na coletividade humana. São elementos sutis que se revelam em um erguer a cabeça que antes deitava sobre o corpo; no olhar que busca o seu querendo contar de uma lembrança recém-acessada pela música; nos olhos que se enchem de lágrimas quando a voz vem de dentro e ressoa no ambiente; no sorriso que se abre quando a canção embala e acalma; na força sonora de um grupo que se encontra na mesma canção; no grito de protesto que ressoa realidades duras; no tempo que passa muito rápido, pois cantar, tocar, ritmar o corpo são ações que nos conectam ao humano que (ainda) habita em nós.

AM: Considerando a música uma ação humana contextualizada que marca e é marcada pelos acontecimentos de seu tempo, qual música é a sua narrativa, do seu tempo?

A aria da Bachiana nº 5 de Villa-Lobos. É uma música que me envolve e me diz que estou ali. É um lamento, um jogo de intensidades e alturas, de timbre das cordas tensionadas, de saltos intervalares que expressam o imprevisível da vida, a beleza de assim o ser e o inevitável ir em frente.

AM: Rosemyriam é um instante eterno de muitas notas ou uma nota só em permanente mudança? Muitas mudanças. Mudanças estas que me fizeram chegar à

Musicoterapia. Reconheço a importância dessas alterações e sou grata a cada movimento que desembocou nas modificações existenciais pelas quais passei. Minha gratidão se estende aos participantes, aos grupos, aos estudantes, aos colegas com quem interagi e sempre aprendi. Meu lema, inspirado em Paulo Freire, reza que não somos nem fazemos nada sozinhos. A vida acontece nas trocas entre pares, na vida familiar, nos trâmites profissionais, tudo pulsa naquilo que fazemos juntos, na coletividade. A vida me proporcionou um destino bondoso (não sei se todo-poderoso), de poder desfrutar de amores profundos e amizades queridas. Reconheço essa graça e o valor de cada uma dessas presenças nas palavras que teceram a narrativa que esbocei acima. De fato, vocês foram e são as músicas de minha vida.